



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **A PEDAGOGIA HOSPITALAR COMO PRÁTICA HUMANÍSTICA: relato de uma experiência exitosa no município de Oeiras-PI**

Fabricia Pereira Teles/UESPI

### **RESUMO**

O artigo propõe discutir a atuação do pedagogo em espaços não escolares, sobretudo, no local destinado ao tratamento de pessoas enfermas como é o caso dos hospitais. Deste modo, o texto irá discorrer sobre a Pedagogia Hospitalar evidenciando aspectos relevantes, como a sua gênese, aspectos relacionados à legislação dessa prática, importância, funcionamento da pedagogia e classe hospitalar, destacando sempre a atuação do pedagogo no hospital. Os fundamentos deste estudo toma corpo e se respalda na experiência exitosa realizada pelos acadêmicos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia que realizaram ações voltadas ao tratamento de crianças hospitalizadas utilizando como metodologia a dramatização e contação de histórias infantis na cidade de Oeiras-PI a partir do Projeto de Extensão denominado “Quem conta os males espanta!”

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogo. Humanização. Espaço não escolar.

### **INTRODUÇÃO**

A educação é, e se torna cada vez mais, na atual conjuntura, um veículo indispensável para a formação e desenvolvimento integral do ser humano. Dentro do universo educacional, destaca-se o campo da pedagogia que vem, a cada dia, ganhando importância por sua vasta atuação que ultrapassa o âmbito escolar e se expande por várias instâncias, como forma de atender às necessidades extraescolares e/ou as que estejam intimamente ligadas à escola (LIBÂNIO, 2001).

Falar de qualidade de vida é falar de uma vivência prática e harmoniosa o bem estar físico e emocional. De maneira concreta é interessante atentar para o que se possui como característica de humanização: compartilhar vivências, apoiar, ser solidário. A educação formal também precisa ser responsável por disseminar e cultivar tais características. Além disso, sentimentos como o amor, a alegria, dar e compartilhar experiências positivas são comprovadamente sentimentos e ações que fazem muito bem ao nosso sistema imunológico como bem afirma Adams (1999):



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Estudos bastante desenvolvidos verificaram que elementos como amor, humor, surpresa, curiosidade, paixão, perdão, alegria, esperança, entusiasmo, dar e partilhar estimulam o sistema imunológico. Eles ajudam nosso corpo a combater infecções, e estimulam células naturais que combatem o câncer e afetam a forma com que cuidamos de nós mesmos e dos outros (ADAMS, 1999, p. 13-14)

A preocupação com as crianças afastadas da escola por motivo de saúde e internação levou ao surgimento de um novo campo pedagógico que se trata da Pedagogia Hospitalar. Essa temática, portanto, será o eixo central da discussão deste artigo que se propõe abordar o assunto da sua origem, para compreender como foi introduzida e desenvolvida no nosso país. Trataremos também a respeito da legislação, visto que, ela garante a educação como direito de todos, inclusive para quem se encontram hospitalizada, destacando a importância e funcionamento da pedagogia e classe hospitalar e atuação do pedagogo nesse ambiente.

Para confirmar a necessidade, importância, e comprovar resultados positivos desta prática do pedagogo em espaços não escolares, é descrito aqui, o relato de uma experiência de atuação em hospitais por acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, vivenciado a partir do projeto de extensão denominado: “Quem conta os males espanta: a literatura infantil como estratégia de recuperação da saúde de crianças hospitalizadas na cidade de Oeiras-PI.

## **2 HISTÓRICO E ASPECTOS LEGAIS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR**

A Pedagogia Hospitalar percorreu um longo caminho desde o seu surgimento até chegar à forma como é nos dias atuais. Ela surgiu a partir do momento em que houve um reconhecimento de que a criança hospitalizada possui necessidades que precisam ser atendidas, entre elas a educativa – um direito seu que precisa ser respeitado e posto em prática.

A segunda guerra mundial foi fator decisivo para o surgimento da Pedagogia Hospitalar. Um grande número de crianças sofreram mutilações e ferimentos ficando



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

impossibilitadas de frequentar a escola, permanecendo em hospitais por muito tempo. Henri Sellier, criou a classe hospitalar para crianças em 1935, para oportunizá-las a darem continuidade aos estudos, embora estivessem internadas (AMORIM, 2011).

A experiência começou a ser espalhada por vários países como a França e a Alemanha, que também implantaram a classe hospitalar para atendimento de crianças tuberculosas distanciadas da escola e do convívio social.

Inicialmente apoiada por voluntários, passou a ser expandida, até que em 1939, foi criado na França o CNEFEI – Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptadas de Suresnes; instituição destinada à formação de profissionais capacitados para atuarem em ambientes hospitalares.

Segundo Amorim (2011), a classe hospitalar chegou ao Brasil, na década de 60 adotada pelo Hospital Menino Jesus, no Rio de Janeiro, em seguida surgindo em São Paulo no Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Como não havia um local específico, nesses hospitais o atendimento ocorria nas enfermarias o que, posteriormente passou a ocorrer em salas criadas para estes fins. Atualmente houve uma evolução quanto às práticas de atendimento e aumento notável no número de classes hospitalares no Brasil. Se antes a presença de pedagogos, professores e voluntários no ambiente hospitalar era mal vista, criticada e até mesmo discriminada, hoje, ela torna-se cada vez mais necessária e as pessoas estão cada vez mais cientes sobre a sua necessidade. Entretanto, o que se percebe é que há consenso quanto a indispensável prática, mas ações concretas são poucas, ficando o atendimento de crianças hospitalizadas negligenciado.

Leis e Resoluções que amparam as iniciativas existem, pois a educação é um direito garantido pela Constituição Federal do nosso país, cabendo ao governo oferecer condições favoráveis para que seja de qualidade e todos tenham acesso a ela, independentemente de cor, raça, situação econômica, valores religiosos e/ou culturais.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, Resolução nº 41 de outubro de 1995, item 9, todos têm direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar. Isso significa que durante a internação não deve ocorrer o “distanciamento” da escola para que não haja prejuízo por parte do aluno.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A saúde não é dissociada da educação nem esta daquela, sendo importante a existência de meios que propiciem o andamento lado a lado das duas, de forma equilibrada. O Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 53 afirma que “a criança e o adolescente têm direito à educação visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e para o trabalho”. Os incisos I e II complementam que deve assegurar-lhes “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e o “direito de ser respeitado pelos seus educadores”. Portanto, o aluno não deve ser prejudicado por causa da internação e, uma vez negados os seus direitos, está sendo desrespeitado. O hospital, por sua vez, deve ofertar serviço educacional aos seus pacientes possibilitando-lhes acompanhamento das atividades escolares e também momentos de vivências menos tensa e prazerosa.

A Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o ECA no artigo 4, entre os vários direitos está o “direito à vida, à saúde e à educação”. O artigo 18 afirma que “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório e constrangedor”. Muitos profissionais da saúde não sabem lidar adequadamente com os seus pacientes, sobretudo, as crianças, o que dificulta ainda mais a superação do estado em que se encontram deixando-os constrangidos e traumatizados. Essa situação acentua ainda mais a preocupação com a criação de um espaço educativo no interior da instituição onde a criança e/ou adolescente possa se recuperar mais rápido e de forma menos tensa e dolorosa.

Para que o processo de desenvolvimento e de aprendizagem não seja suspenso nem comprometido, a criança deve dispor de meios e oportunidades que lhe beneficie e que permita vivenciar experiências prazerosas mesmo quando se encontra hospitalizada. Assim os hospitais devem contar com atendimento educacional de qualidade, atividades pedagógicas, recreação e lazer indispensáveis ao desenvolvimento da criança integralmente.

### **3 PEDAGOGIA E CLASSE HOSPITALAR: importância e funcionamento**



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Alguns autores (MATOS, E. L. M; MUGGIATI, 2001; FONSECA, 2008 ) afirmam que a Pedagogia Hospitalar se apresenta como processo educativo não escolar bastante complexa que envolve conhecimentos médico-psicológicos e pedagógicos que se traduzem em atitudes e práticas. Assim, embora não aconteça dentro da escola, este processo está intimamente ligado a ela, já que se trata de uma forma de evitar o prejuízo do aluno em relação aos conhecimentos educativos a serem trabalhados na escola.

A Pedagogia Hospitalar também pode ser concebida como um “ramo” de atuação pedagógica que envolve tanto profissionais da educação quanto da saúde no desenvolvimento de um trabalho voltado para as crianças internadas, visando colaborar com superação do estado enfermo articulando-o com o educativo.

A Classe Hospitalar, por sua vez, refere-se ao local onde ocorre o acompanhamento, podendo ser na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, conforme as restrições que lhes são impostas em decorrência do seu estado e do seu tratamento.

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância da internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do hospital-dia e hospital-semana em serviços de atenção integral à saúde mental (AMORIM, 2011, p. 47).

Nas classes hospitalares a rotina deve ser organizada de modo que possa ser oferecendo atividades através das quais o paciente possa interagir sentir-se seguro e encorajado, tendo assim ânimo para voltar à escola após a alta. Essas atividades podem variar desde pinturas, desenhos, leituras, passeios, brincadeiras, teatro de fantoches, músicas até eventos organizados pelos profissionais atuantes no meio envolvendo a família também. A educação aí deve ser acompanhada pelo carinho, afeto e boas interações sociais, resignificando o espaço hospitalar e fazendo com que ele seja mais humano.

Nos hospitais onde funcionam as classes hospitalares é comum haver a articulação dos conteúdos trabalhados na escola no momento em que a criança se encontra enferma, desenvolvendo-os nas aulas que ocorrem no hospital. O professor entra em contato com a escola de origem do aluno prestando informações sobre o



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

mesmo e sobre as aulas. Após a alta, é enviado relatório do que foi desenvolvido e o aluno continua a estudar normalmente.

Trata-se de um papel importante, pois, uma vez afetado por alguma patologia, a criança se sente fragilizada, desestimulada e isolada o que gera medo diante de tal situação, principalmente quando terá que enfrentar certos procedimentos e cirurgia. A preocupação não deve esbarrar apenas no bem estar físico, mas sim considerar o estado emocional, afetivo e social. Ressaltamos também a necessidade de interagir com a família; esta nem sempre sabe lidar com a situação, às vezes acha que seu filho terá dificuldade em voltar à escola após a recuperação, além de deixarem o estudo de lado durante o tratamento. Sobre esse aspecto, Esteves (2012) afirma:

A classe hospitalar se dirige às crianças, mas deve se estender às famílias, sobretudo àquelas que não acham pertinente falar sobre doenças com seus filhos, buscando recuperar a socialização da criança por um processo de inclusão, dando continuidade a sua aprendizagem. Esta inclusão social será o resultado do processo educativo e reeducativo (ESTEVES, 2012, p. 5)

Apesar da importância apontada, há um elevado número de hospitais no Brasil, especialmente no Piauí, que não dispõe de classes hospitalares ou qualquer outra iniciativa dessa natureza. Entretanto isso não impede que trabalhos do tipo sejam desenvolvidos, pois simples atitudes podem se tornar grandes ações.

## **4 A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR**

Atualmente o profissional pedagogo vem se destacando nos mais variados espaços e a sua procura torna-se cada vez mais frequente. Uma instituição que necessita da sua contribuição como profissional é o hospital.

O pedagogo hospitalar tem que receber uma orientação adequada e treinamento para exercer sua função como profissional qualificado. Sua formação deverá ser preferencialmente em cursos de Pedagogia e Educação Especial, sendo relevante a passagem por treinamentos que lhe possibilite aperfeiçoamento, pois dentro



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

dos hospitais ele encontrará variadas situações que serão difíceis trabalhar estando despreparado.

A atuação do pedagogo hospitalar demanda um autocontrole e o gosto pela profissão. Deve possuir um conhecimento geral de mundo, acreditar no seu êxito e por em prática atividades humanizadoras.

Segundo Esteves (2012) o pedagogo hospitalar ou professor deverá elaborar e desenvolver projetos através dos quais a criança mantenha contato com a sua escolarização para a construção de um processo cognitivo, emocional e social. Sobre essa questão Esteves (2012) afirma:

O trabalho do professor hospitalar é muito importante, pois atende às necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas das crianças e jovens. Ele precisa ter sensibilidade, compreensão, força de vontade, criatividade, persistência e muita paciência se quiser conseguir os seus objetivos (ESTEVES, 2012, p.6)

Às vezes a presença do pedagogo em ambiente hospitalar pode parecer incômoda para quem se encontra hospitalizada visto que há sempre uma proposta de trabalho animadora e nem sempre as pessoas estão sentindo-se a vontade para desfrutar de momentos de divertidos nos hospitais. Mas é fato, várias pessoas têm contribuído com crianças enfermas trazendo a alegria e o prazer para dentro dos hospitais, como a ONG “Doutores da Alegria”. O voluntariado também vem dando sua parcela de contribuição, principalmente nos locais que não há classes hospitalares.

A cada ano vários pedagogos saem formados das universidades e poucos têm a sensibilidade de atuar humanisticamente percebendo as necessidades de quem está à sua volta. É preciso que isso seja trabalhado desde cedo durante a vida acadêmica, envolvendo professores e alunos em um mesmo processo.

Acadêmicos de pedagogia passaram por uma experiência bastante proveitosa através de um projeto de extensão que contemplava a visitação de crianças internadas no Hospital Regional Deolindo Couto na cidade de Oeiras-PI. A experiência do projeto será descrito no item a seguir.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **PROJETO DE EXTENSÃO: Quem conta os males espanta...**

Foi realizado no Hospital Regional Deolindo Couto o projeto de extensão universitária: *Quem conta, os males espanta: a literatura infantil como estratégia de recuperação da saúde de crianças hospitalizadas na cidade de Oeiras-PI* em consonância com a disciplina Educação Infantil do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Professor Possidonio Queiroz-UESPI; com o objetivo de proporcionar aos pacientes, em especial às crianças, momento de alegria através da contação de histórias infantis, tornando o ambiente hospitalar humanamente mais agradável.

Primeiramente houve todo um processo de planejamento e preparação. Em grupo e com o nosso auxílio, na condição de professora orientadora, foi buscado informações básicas para a construção do trabalho, conhecendo o local da realização com antecedência para preparar os materiais e conhecer a maneira de interagir nesse tipo de estabelecimento.

Um grupo de acadêmicos, ao chegarem ao hospital pela manhã, foi recebido atenciosamente pelos funcionários. Todos que ali se encontravam olhavam com risos entrelaçados no rosto, talvez por ocasião dos enfeites e/ou por acharem tão grande a importância desse gesto de solidariedade. Os acadêmicos explicaram o motivo da visita e foram levados à pediatria. Lá encontraram duas crianças acompanhadas por suas mães.

Diante de todos ali reunidos, juntamente conosco e alguns profissionais e enfermeiros que também queriam prestigiar o momento, foi explicado o que se fazia ali. Foi pedida a autorização às mães para início da apresentação e contação de história. Com interações simples de afago e simpatia foram contada as histórias: Cachinhos Dourados e os três Ursos e Os três Porquinhos, de forma engraçada e divertida procurando sempre envolver as crianças. Em seguida foi entregue os livros para folhearem e observarem as imagens. Um dos garotos ficou surpreso e muito contente no momento que soube que poderia levar o livro para casa. Interessante que este no início,



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

estava muito tímido e “zangado” por querer voltar para casa e, no decorrer da apresentação se descontraíu expressando alegria no seu semblante.

Depois da sensibilização feita pelos acadêmicos às crianças, foram pedidas as mães opinião a respeito do trabalho realizado e a importância da iniciativa como aquela para as crianças hospitalizadas, dentre outras questões.

Em seguida, o grupo de alunos se dirigiu para as demais enfermarias. Os pacientes se sentiam à vontade para conversar, relatando suas fraquezas e suas vidas em especial. Ficaram alegres e agradecidos, pedindo que o grupo voltasse outras vezes.

Ao final, todos os estudantes agradeceram e se despediram. Com todo entusiasmo e ainda caracterizados, na frente do hospital foram destaque, atraído à atenção das pessoas que estavam aos arredores e das que por ali passavam, as quais expressavam admiração. De acordo com depoimento da acadêmica Maria Aldeni: *“Essa foi uma grande oportunidade que tivemos, pois pela primeira vez foi desenvolvido um trabalho como este na cidade de Oeiras e pudemos sentir de perto a realidade vivida por crianças e adultos no interior de um hospital. Alcançamos nossos objetivos e temos certeza que essa bela experiência proporcionou alegria e prazer para todos nós”*.

E ainda de acordo com outra acadêmica participante do projeto de extensão citado afirma: *“Ganhamos muito com isso, pois, além dos conhecimentos adquiridos, enquanto pedagogos e seres humanos desenvolvendo a sensibilidade para perceber e sentir as pessoas e ajudá-las”* (Eliamara). Os depoimentos das acadêmicas refletem o quanto foi significativo a realização do projeto para formação pessoal das mesmas, bem como a contribuição social.

A visitação do segundo grupo ao Hospital Deolindo Couto contou em forma de teatro a história da Dona Baratinha. O trabalho foi apresentado para quatro crianças que se encontravam na pediatria. De acordo com o depoimento dos integrantes do grupo de alunos, estavam achando as crianças tristes, fracas e desmotivadas. A situação chamou atenção do grupo que se empenhou em proporcionar alegria e vida ao ambiente. Quando começaram a contar a história, as crianças logo mudaram de expressão, inclusive uma delas sorri ao admirar a personagem da Dona Baratinha. Por ser uma



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

história engraçada, as crianças gostaram bastante e os acadêmicos ficaram emocionados porque uma das mães agradeceu pela educação, atenção e criatividade.

Na terceira apresentação no Hospital Deolindo Couto estavam presentes na enfermaria três crianças. A história contada e dramatizada pelo grupo foi a Menina bonita do laço de fita, que trata sobre a beleza negra com muita delicadeza e simplicidade, usando uma linguagem suave que encanta as crianças. A história permite também a reflexão sobre as questões de raça, afetividade, e diferença. A atividade além de alegria proporcionou aprendizado para as crianças pois de acordo com uma mãe “*o projeto incentiva a criança, anima e ensina*”

Na visitação do quarto grupo ao Hospital Deolindo Couto, foi utilizado várias histórias dentre elas a do Patinho Feio que proporcionou o contato das crianças com a história através da pintura dos desenhos nos livros. No começo, sempre ficam intimidadas sem saber exatamente o que aconteceria, mas depois se soltam e adoram as atividades. A participação é tamanha entre os que assistem que além dos responsáveis pelas crianças, as técnicas de enfermagem e cozinheiras do hospital participam interagindo. Isso mostra como esse tipo de atividade é envolvente.

O quinto grupo contou a história Os amigos da pata Grisela. Quando os alunos chegaram ao hospital, as pessoas ficaram curiosas para saber o que iria ser apresentado dessa vez. As crianças na enfermaria, no primeiro momento elas pareceram tímidas, mas logo em seguida foram ficando mais atentas a história contada. O interessante é que não só as crianças ficavam atentas, mas os acompanhantes. Como eles mesmos comentaram “*estar no hospital é um momento muito difícil e um pouco de alegria ajuda muito naquela situação*” (mãe de uma paciente).

Após, as visitas no hospital, os acadêmicos juntamente conosco avaliaram o resultado do projeto, e todos afirmaram que ficaram felizes em desenvolver um trabalho dessa natureza e com certeza aprenderam muito e que, portanto, a experiência foi extremamente rica e positiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Nesse artigo discorreremos sobre a Pedagogia Hospitalar apresentando o seu surgimento, desenvolvimento de uma prática e como ela tem influenciado a formação de futuros profissionais da educação, mas especificamente, os acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogo da Universidade Estadual do Piauí- Campus Professor Possidônio Queiroz em Oeiras-PI.

Escrevemos sobre as peculiaridades da trajetória percorrida pelo desenvolvimento da educação hospitalar, que como tantas outras não acontece de uma hora para outra, mas, a partir de inúmeras tentativas e ações concretas de pessoas interessadas em favorecer a educação e o bem estar para todos. Lembramos que esta prática não pode acontecer de qualquer jeito, mas subsidiada por uma formação humanística e pedagógica que considere todas as especificidade e peculiaridade de uma pessoa hospitalizada.

A pedagogia hospitalar tem sua importância e inegável contribuição para uma sociedade mais humanizada e solidária, onde pessoas se responsabilizem pela busca da integridade e dignidade humana no sentido do respeito aos direitos das crianças, jovens e adultos, dando-lhes o apoio devido e respeitando os seus limites quando enfermos, garantindo assim a alegria, e até mesmo a continuidade dos seus estudos quando internado.

É certo que avanços aconteceram no campo dos direitos as pessoas hospitalizadas, entretanto, é preciso que seja ainda mais discutido e posto em prática as Leis que garantam esse tipo de atendimento, para que assim os benefícios sejam oportunizados não somente a alguns poucos, e sim a todos que deles precisarem.

Portanto, a educação e a saúde por ser um direito garantido a todos, é preciso que Estados, Municípios, comunidades e cada um de nós garanta esse benefício, mas, além disso, que possibilite a vivência mais harmoniosa na sociedade, uma vivência mais alegre nos diversos espaços sociais, inclusive o hospitalar. É preciso que se lute, para mais do que Leis a serem sancionadas, é preciso práticas educativas e de saúde reais com valorização e recursos para a realização da pedagogia hospitalar. Praticar e valorizar ato de solidariedade por mais singelo que seja, por mais insignificante que pareça, é a certeza que não estamos inertes frente aos problemas da vida e sim com a



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

certeza de que estamos ajudando, fazendo a diferença para aqueles que desta ação está se beneficiando.

Assim foi o projeto de extensão universitário aqui descrito, que atingiu seus objetivos quando proporcionou aos acadêmicos de pedagogia reflexões acerca do papel do pedagogo em espaços não escolares como determina as Diretrizes do Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), bem como, a vivência de uma experiência que marcará nossas vidas (acadêmicos, professora e crianças hospitalizadas).

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch. **O amor é contagioso**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

AMORIM, Neusa da Silva. **A Pedagogia Hospitalar enquanto prática inclusiva**. Porto Velho, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar :**

estratégias e orientações. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_, **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia**. Resolução CNE/CPI n. 01 de 15 de maio de 2006. Brasília-DF: Imprensa Oficial

BRASIL. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Diário Oficial, Brasília, 17 out.1995. Seção 1, p. 319-320.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/acesso: 05 julho de 2012 às 15h35>

FONSECA, E. S. da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2008.

LIBÂNIO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

MATOS, E. L. M.; MUGGIATI, M. M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba-PN: Champagnat, 2001.